



Nesta seção reproduzimos algumas das crônicas semanais publicadas pelo responsável por esta publicação em “A Federação”, jornal da vizinha cidade de Itu. Para identificação e referências bibliográficas indicam-se as datas em que foram publicadas.

430. PARANÁ E GOIÁS EM CRÔNICAS DE VIAGEM (1)

Em 1844 três jovens paranaenses, estudantes da Faculdade de Direito de São Paulo, empreenderam um passeio ao Paraná, na época ainda pertencente a São Paulo, como “Comarca de Curitiba”. Um dos excursionistas, Salvador José Corrêa Coelho, descreveu a viagem, publicando o respectivo relato 16 anos mais tarde, portanto em 1860. Volumezinhos de 87 páginas, impresso em São Paulo pela Typographia da Lei, na rua “do Jogo da Bola”, nº 5. Esta rua “do Jogo de Bola” é a que atualmente se denomina Benjamin Constant e que estabelece ligação entre a Praça da Sé (na época ainda não existente) e o Largo de São Francisco.

Mais de um século depois, em 1966, fez-se, por iniciativa do Instituto Histórico Paranaense e aos cuidados da Livraria Kosmos Editora uma reedição facsimilar, limitada apenas a quinhentos exemplares do curioso e raríssimo relato da excursão dos três jovens paranaenses. A esta reedição Newton Carneiro antepôs prefácio advertindo o leitor quanto ao interesse do livrinho. Boa parte da viagem foi feita por regiões das quais praticamente não existem descrições, ou seja o litoral de São Paulo e do próprio Paraná. O passeio foi circular: foram por um caminho e voltaram por outro.

Na ida seguiram a rota costeira, descendo a Santos e alcançando Paranaguá, via Itanhaém, Peruíbe (que mal existia), Iguapé e Cananéia. De Paranaguá foram a Morretes e subiram a serra até Curitiba, donde foram a Lapa, terranatal do autor do relato. Na volta, tomaram a rota dos tropeiros

que de São Paulo demandavam o sul do País: Palmeiras, Ponta Grossa, Castro, Itararé, para alcançarem São Paulo, via Itapetininga e Sorocaba.

Adverte Newton Carneiro que o relâto do jovem paranaense vem todo entremeado – como de hábito na época – de numerosas citações literárias de Ovídio, Dante, Camões, e às vezes alusões folclóricas ou frase de incrível pieguice, chegando a tornar a leitura insuportável. Recomenda mesmo que o leitor salte essas divagações a fim de melhor poder saborear os registros interessantíssimos que o livro contém sobre o que o autor observou na viagem: descrições geográficas, aspectos humanos, condições econômicas das regiões percorridas e até referências históricas, como, entre outras, a relativa à revolução que em 1842 eclodiu na província de São Paulo.

No tempo decorrido entre a viagem e a publicação do livro – quase vinte anos – ocorreu algo muito significativo para o Paraná: a sua emancipação de São Paulo, tornando-se, a partir de 1853, uma província autônoma. O jovem autor não se conforma com o nome “Paraná” dado à nova província imperial, preferindo que ela continuasse se chamando “Curitiba”, como no tempo em que pertencia a São Paulo. 16-04-05

431. PARANÁ E GOIÁS EM CRÔNICAS DE VIAGEM (2)

Uma bem cuidada reedição fac-similar promovida há alguns anos, pela Universidade Federal de Goiás, integrando a coleção “Documentos Goianos”, deu-nos a conhecer precioso relato de viagem à então Província de Goiás, em 1882. Seu autor, Oscar Leal, embora muitos o considerassem português pelo fato de quase todos os seus livros terem sido publicados em Portugal, era natural do Rio de Janeiro, nascido em 1862; tinha, portanto, apenas vinte anos quando empreendeu a viagem que descreveu no livro publicado em 1892, dez anos após a realização de sua jornada às terras goianas.

O prefaciador de nova edição (Goiana, 1980) informa ser escasso o material de que se pode dispor sobre o viajante, embora em Sacramento Blake haja preciosas referências à sua vida, através das quais

se percebe quão versátil, inquieto e boêmio ele foi. Filho de portugueses, foi mandado a educar-se em Portugal. Tão logo se formou, regressou ao Brasil, iniciando, a partir de então, uma série de viagens pela América Latina e depois pela Europa. Era formado em cirurgia dentária, segundo informa Sacramento, não se sabendo se chegou a exercer a profissão. Tudo indica ter sido pessoa de posses. Revelou-se ainda, divertido prestigitador e animador teatral, devendo ter causado sucesso nos sertões de Goiás, segundo conjectura o prefaciador do livro.

E é, ainda, o próprio prefaciador, Professor Ático Vilas Boas da Mota, quem afirma ter descoberto nas páginas de Oscar Leal a figura do repórter, cujas análises nem sempre são profundas e cujas críticas não vão além do pitoresco ou do romântico. Mas, reconhece que certas passagens do livro valem como documentário de costumes. “Último andarilho romântico que nos visitou”, assim a ele se refere o ilustre professor da Universidade Federal de Goiás, responsável pela revelação aos de hoje, tirando-o do esquecimento em que jazia, do interessantíssimo relato que não representa apenas uma simples descrição de viagem, mas “sem qualquer sombra de dúvida, uma cadeia de vivências, destacando-se a figura do curioso viajante de maneira muito integral, cujo retrato de corpo inteiro apoia-se na maneira de enxergar o mundo pelo lado otimista, engraçado e irônico”.

Enfim, é das melhores coisas de nossa literatura de viagens e só se tem a louvar a sua reedição na preciosa série “Documentos Goianos”, publicada pela Universidade Federal de Goiás, sob a direção da Professora Gilka Vasconcelos Ferreira Sales. 23-04-05.

432. INGLESES NO INTERIOR DO PARANÁ

Nunca tive interesse especial por genealogia, embora como pesquisador de História não posso deixar de reconhecer a contribuição que ela traz aos estudos históricos. E cheguei mesmo, em tempos que já vão bem longe, a escrever alguma coisa sobre o assunto, para atender a um pedido do saudoso Carlos da Silveira, interessada em conhecer minha

família paterna, os “Matos do Vale do Paraíba”, como ele dizia. E o que escrevi não deve ter sido muito ruim, pois o ilustre genealogista e historiador aproveitou o integralmente num dos seus escritos.

Há já algum tempo, tive ocasião de receber, enviado pelo Instituto Histórico Paranaense, um belo volume contendo a genealogia da família Mercer, que me despertou grande interesse. É que o livro, sem sacrificar a genealogia que é o seu objetivo precípua, veio a se constituir em excelente contribuição à história do povoamento de uma das mais importantes regiões da Paraná, qual o Vale do Tibagi. O assunto me tocou de perto. Quando menino, tive um tio que foi um dos povoadores, no começo do século passado, da importantíssima região.

Tomou-se meu tio de tal entusiasmo pelo Tibagi (na época pouco povoado) que pretendia levar a família toda para lá. Cada vez que nos visitava, seu único assunto era o Tibagi. Dizia ser a melhor região do mundo e, por ele, o Brasil inteiro teria se mudado para o novo paraíso. Muito de propósito, apelidei-o de “Tiobagi”...

Voltando ao livro que provocou este comentário. Em 1870, desembarcaram no Rio de Janeiro cinco jovens ingleses, de uma tradicional família do condado de Kent. Dotados de espírito de aventuras, os jovens quiseram correr mundo. Traziam a esperança que acompanha toda pessoa que deixa a sua pátria, isto é, encontrar a “terra da promessa”, onde se pudesse viver em paz e na abundância. Não se agradaram do Rio (apesar da enorme colônia inglesa aí existente), pois amedrontaram-se da febre amarela que, então, grassava terrível na capital do Império.

Ouviram falar do Paraná como uma província próspera, para onde se voltavam todas as esperança e donde chegavam a todo instante notícias de riqueza fácil e abundante. Partiram para Paranaguá, subiram a serra e instalaram-se em Curitiba, onde cada qual tratou de organizar sua vida. Em 1872, um deles, Herbert Marrison Mercer, deixou a capital, embrenhando-se no “sertão do Tibagi”, então em alvissareiro e prometedor progresso. A partir deste momento (pág. 107) e praticamente até o fim, torna-se o livro de alto interesse para a história do povoamento e desenvolvimento da região que abrange não apenas o Paraná, mas de

interesse para o conhecimento de uma das mais significativas áreas do sul do Brasil.

433. AINDA OS INGLESES NO PARANÁ

O livro que nos sugeriu estes comentários foi publicado em Curitiba, em 1988, em edição particular. Seu autor, Luís Leopoldo Mercer (apelidado Lulu) já havia publicado, dez anos antes, e entre outras coisas, um “História de Tibagi”. Na atividade genealógica de que resultou o livro em pauta, editado postumamente (pois seu autor falecera em 1986) mostrou-se investigador incansável. Estendeu suas pesquisas a várias cidades e Estados, onde “repassou cartórios e tabelionatos, desempoeirou registros paroquiais e revelou arquivos municipais, como bem diz o apresentador do volume. Mais ainda: em idade avançada e já com a saúde precária, abalçou-se a ir à Inglaterra pesquisar as origens de sua família.

Embora o livro trate de numerosos outros títulos genealógicos (Taques, Borges, Ribas, Bittencourt...) todos entrelaçados, julgamos de singular importância o título referente ao ramo inglês – os Mercer – por se tratar de tema pouco explorado na bibliografia histórica brasileira, este de acompanhar passo-a-passo as andanças dos estrangeiros radicados no interior do país. No mais das vezes, como temos testemunhado em inúmeras pesquisas os novos nada sabem de seus ascendentes, muitas vezes nem de suas raízes nos países de origem.

Sob este aspecto o livro de Lulu Mercer é talvez único na bibliografia brasileira. A pesquisa realizada pelo autor, a precisão dos dados citados, as fotografias não só de pessoas, mas de documentos, que ilustram e fundamentam a crônica desses ingleses do Tibagi, tudo isto dá ao livro um sentido de compreensão e veracidade que o torna de leitura agradável mesmo para os que não tenham interesse especial por genealogia.

Significativos os passos em que o livro narra os encontros dos “seus ingleses” com outro inglês ilustre quem na mesma época, andava meio perdido pelo interior do Paraná, estudando possibilidade de construir uma ferrovia: o engenheiro Thomas Bigg-Wither, autor de importante livro

sobre o sul do Brasil, publicado em Londres em 1878. É dos livros mais interessantes de estrangeiros que escreveram sobre nosso país. Mereceu duas traduções: a primeira, em capítulos, na antiga revista “Eu sei tudo” (de saudosa lembrança) e a segunda na coleção “Documentos Brasileiros”, da Editora José Olympio, em tradução de Themistocles Linhares. Nesta o título “Pioneering in South Brazil” foi totalmente alterado para “Novo caminho no Brasil meridional”. A tradução anterior intitulou-se “Explorando o Brasil meridional”, mais de acordo com o original. Creio ter sido dos poucos a arrancar as páginas do “Eu sei tudo” e mandar encaderná-las, dando-lhes o sentido de permanência que o texto bem merecia. A edição da revista foi publicada entre junho de 1951 e abril de 1953, enquanto que a da editora José Olympio apareceu em 1974. O tradutor desta (ou o editor) não se dignou fazer qualquer referência à edição anterior, dando ao leitor a falsa impressão de ser a primeira vez que o valioso livro se publicava entre nós, 4-6-1985.